



AQUELA OUTRA FACE DA TRIBO

Aurélio Michiles

COLEÇÃO PORACÉ | TEATRO

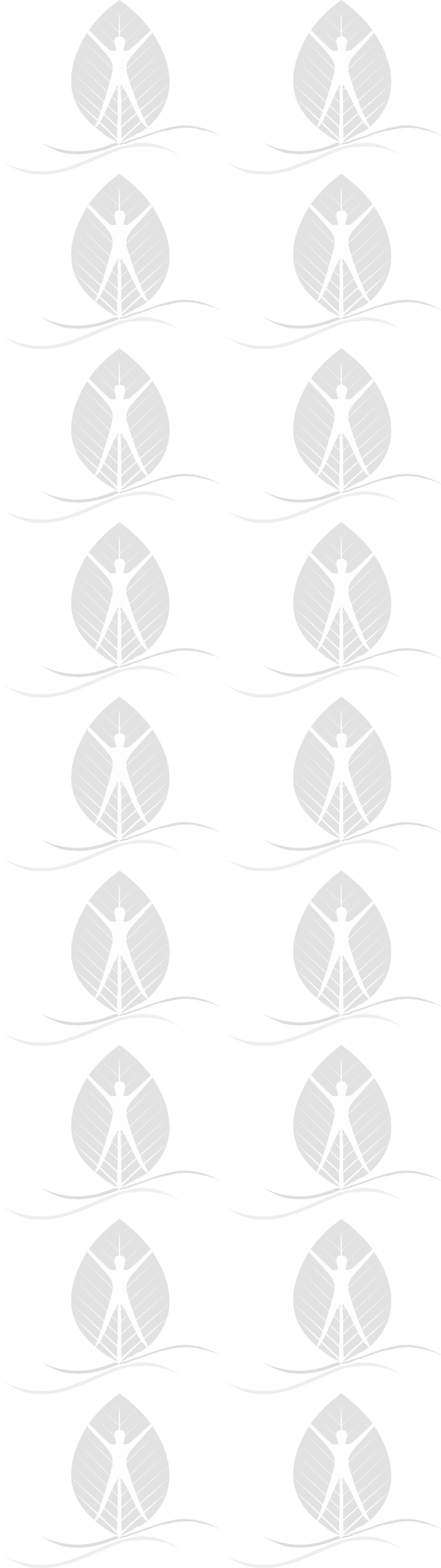
CULTURA

Edições
Governou do Estado


valer
EDITORIA

Era o ano de 1983, um dia internacional do teatro. A minha angústia, fruto de algumas tentativas teatrais que não foram ao palco, me fizeram pedir ao Aurélio: que tal escrever um monólogo? Três dias depois, para meu espanto, ele aparece com um texto pronto, fruto de suas infindáveis anotações em suas inumeráveis agendas. Ao longo da leitura me senti arrebatado pela profusão de imagens — antes de tudo, cineasta que é, Aurélio é um criador de imagens —, misto de surpresa a cada fala e alegria por ter em minhas mãos um texto que refletia muito das minhas ansiedades, buscas, sonhos e perdas; resolvemos montar o espetáculo.

Meu maior medo era não estar à altura da riqueza de emoções que a peça propunha de uma forma extremamente poética, afinal, montar mais um monólogo-monótono é quase redundância. Começamos os ensaios e, como sempre deve ser, com as afinidades, as vivências, as conversas entre autor/diretor e o ator, Aurélio foi lapidando o texto, criando novas cenas, reformulando falas; rígido e cobrando mais e mais, o diretor foi criando uma simbiose entre o ator e seu personagem, com uma trilha sonora que me fazia viajar de Lou Reed a Villa-Lobos e a iluminação mágica da arquiteta Edunira Assef, tudo isso fez com que eu tivesse um dos momentos mais bonitos e mais importantes de minha vida. Desde então, sinto esse texto um pouco meu, remontando ou interpretando trechos por todos os lugares onde ando, às vezes, tocando





GOVERNO DO ESTADO DO
AMAZONAS

Governador do Estado do Amazonas
Eduardo Braga

Vice-Governador
Omar Aziz

Secretário de Estado da Cultura
Robério dos Santos Pereira Braga

Secretário-Executivo
Arlindo Júnior

Assessor de Edições
Antônio Auzier Ramos

Edições
Governo do Estado
Editora Valer

Aurélio Michiles

Aquela outra face da tribo
(um monólogo feérico para um ou mais atores/atrizes)


EDITORIA

CULTURA

Edições
Governo do Estado

Copyright © Aurelio Michiles, 2003

EDITOR

Isaac Maciel

COORDENAÇÃO EDITORIAL

Tenório Telles

CAPA E PROJETO GRÁFICO

Rômulo Nascimento

REVISÃO

Cynthia Teixeira

Marcos Sena

Sergio Luiz Pereira

FICHA CATALOGráfICA

Ycaro Verçosa

M624a Michiles, Aurélio.

Aquela outra face da tribo. / Aurélio Michiles. – Manaus: Editora
Valer e Governo do Estado do Amazonas, 2003.

68 p.

ISBN 85-7512-122-7

1. Teatro amazonense. I. Título.

CDU 792(811.3)

2003

EDITORA VALER


Rua Ramos Ferreira, 1195

69010-120, Manaus-AM

Fone: (0xx92) 633-6565

E-mail: editora@valer.com.br

www.valer.com.br



**Para o caboclo da
arabiamazonense – Milton Hatoum.
Manaus, Amazonas, Brasil, Terra-82.**



AQUELA OUTRA FACE DA TRIBO



PRÓLOGO

CENA I

Quarto despojado. Uma cama sem estrado. Um colchão. Uma rede de dormir. Uma máscara dos índios Tukano usada como abajur. Uma mesa com uma máquina de escrever. Um banco, índio tukano como criado-mudo. Gravador, papéis, livros, uma concha do mar (telefone com secretária eletrônica). Um mapa da América do Sul (de ponta-cabeça) visivelmente destacado.

(O ator-atoa embala-se prazerosamente na rede de dormir – sob uma difusa luz avermelhada. Toca o telefone. O ator levanta-se dando tempo ao tempo)

ATOR

– Alô! Pago sim. Pode completar a ligação.

Alô, Ângela, que maravilha!... O quê?

Fala mais alto, não tô ouvindo nada!

Tá legal, tá legal... *(Fazendo pausa com irritação)*

Pô, assim não dá, tem carapanã na linha! É, não escuto nada.

O quê?... DDD... desendividar a dívida do ministro Delfim?

É melhor desligar! Não, é melhor desligar o telefone!

É, me escreve, é mais barato... mais romântico... tem isso...

Aquela tua última ainda chegou...

Por quê??? Estou no extremo norte, Ângela... 10 graus da linha do Equador... sim... da linha imaginária, aquela que divide o hemisfério em dois.

Estou na Amazônia é... a Sibéria brasileira. Escreve... é, aproveita...

Tu escreves como ninguém.

Não suporto me comunicar por essa cobra-grande eletrônica!

(Rindo gostosamente)

Um beijo na bunda. Tchau. Te amo.

(Para o público)

– Meu Deus, o que que estou fazendo aqui? Eu só queria ver os índios?!...

(A luz se apaga lentamente e em seguida sob efeitos e reflexos de luzes e cores, com acompanhamento de música indígena típica dos filmes roliudianos)

PROJEÇÃO

Voz em off (Marca a ilusão da onipresença)

“Vago vagido percorre o limite da consciência numa corrida sem ponto de chegada e sem a lembrança da partida. Vaga lembrança no ar e na caixa secreta do amor. Percorro símbolos e me proponho a decodificá-los. Longe de mim perto do mundo”

(Escuridão)

CENA II

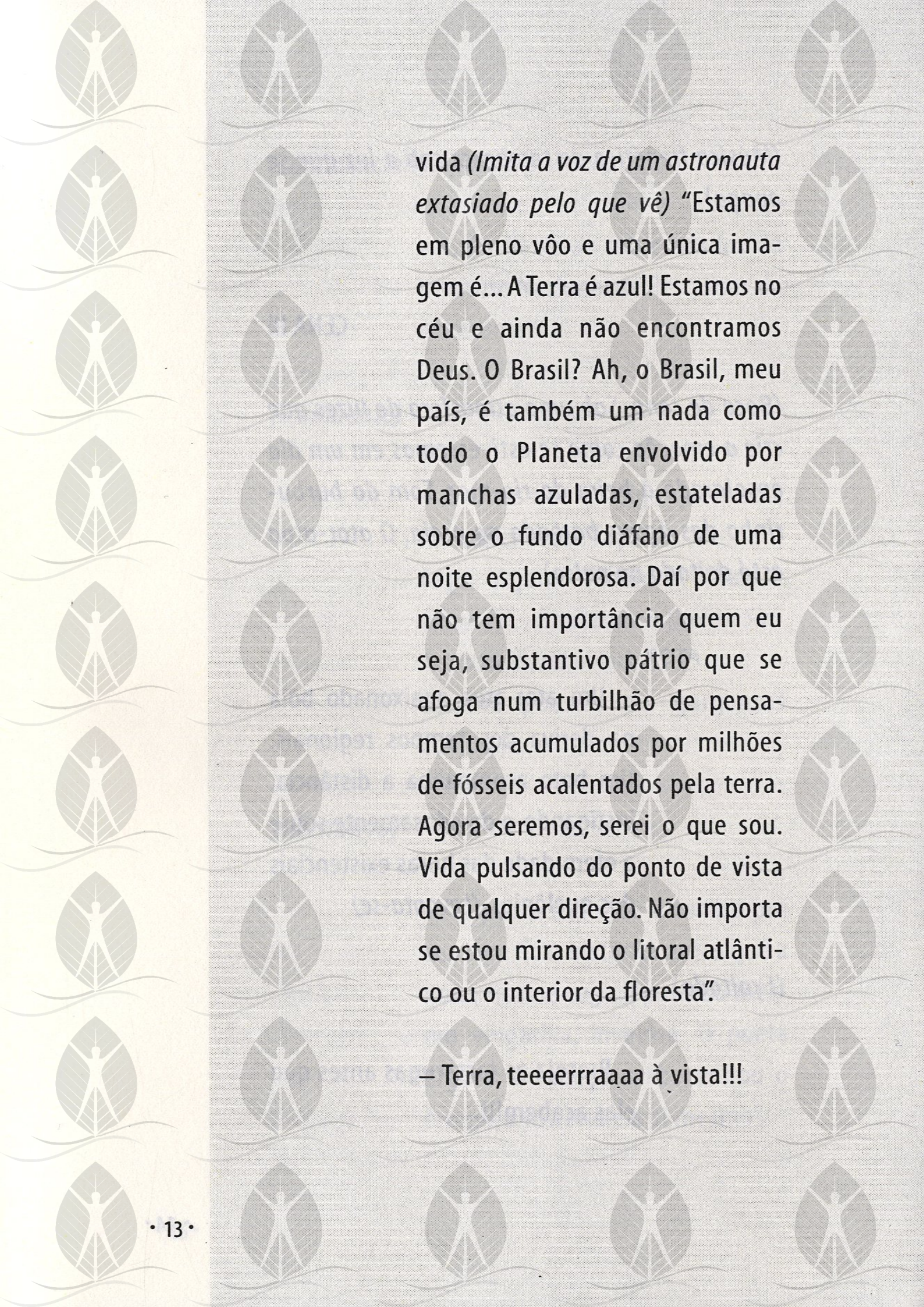
O ator-atoa dirige-se para a máquina de escrever, e em pé – olhando para o público –, faz menção como quem tem uma idéia. Fica indeciso se usa a máquina de escrever ou o gravador – opta pela máquina de escrever. Bate nas teclas avidamente e como tomado por excitação criativa, vai narrando o texto.

(Pensando alto)

Sobe na mesa. Apenas uma luz projeta o seu corpo em um jogo de sombras. O corpo do ator metamorfoseia-se de macaco ao astronauta flutuando no espaço sideral.

ATOR

– É isso. Não importa. Não tem a mínima importância. Não existe centro. O centro somos nós quando possuímos o movimento da



vida (*Imita a voz de um astronauta extasiado pelo que vê*) “Estamos em pleno vôo e uma única imagem é... A Terra é azul! Estamos no céu e ainda não encontramos Deus. O Brasil? Ah, o Brasil, meu país, é também um nada como todo o Planeta envolvido por manchas azuladas, estateladas sobre o fundo diáfano de uma noite esplendorosa. Daí por que não tem importância quem eu seja, substantivo pátrio que se afoga num turbilhão de pensamentos acumulados por milhões de fósseis acalentados pela terra. Agora seremos, serei o que sou. Vida pulsando do ponto de vista de qualquer direção. Não importa se estou mirando o litoral atlântico ou o interior da floresta”.

– Terra, teeeerrraaaa à vista!!!

(Música frenética de tambores sob a luz que se apaga)

CENA III

(Boca de cena. Sob uma atmosfera de luzes que crie a emoção como se estivéssemos em um dia ensolarado à beira do rio-mar. Som do burburinho das águas batendo na praia. O ator-atoa está deitado no palco)

ATOR

– Um ator-atoa apaixonado bóia na deriva dos tempos regionais. Um boto acompanha a distância, instigando-o duvidosamente sobre a eternidade das horas existenciais dos quelônios. *(Levanta-se)*

(Exaltado)

– Proteja as tartarugas antes que elas acabem!!!



(Confidenciando para o público)

– ...Ou deixe-as sob cuidados do Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia.

(Insinuante)

– E antes que eu diga quem sou, lhes direi o que faço.

Faço. Vejam! Tcham... tcham... tcham!!!... *(Imitando a Quinta Sinfonia de Beethoven)*

Escrevo poesias em gargantas conjugais.

(Recitativo)

– “O poeta ruminou o tempo pra sua cara ficar histórica antes que a noite ficasse cega e por isso mesmo vingativa, invejosa. O poeta ergueu a cabeça e abocanhou o tempo, a história e a si mesmo”.

(O ator que se encontra no fundo do palco sai em disparada para a boca de cena e de frente para o público)

– As histórias que conto e contarei são como chuvas passadas nas lembranças de um pássaro molhado.

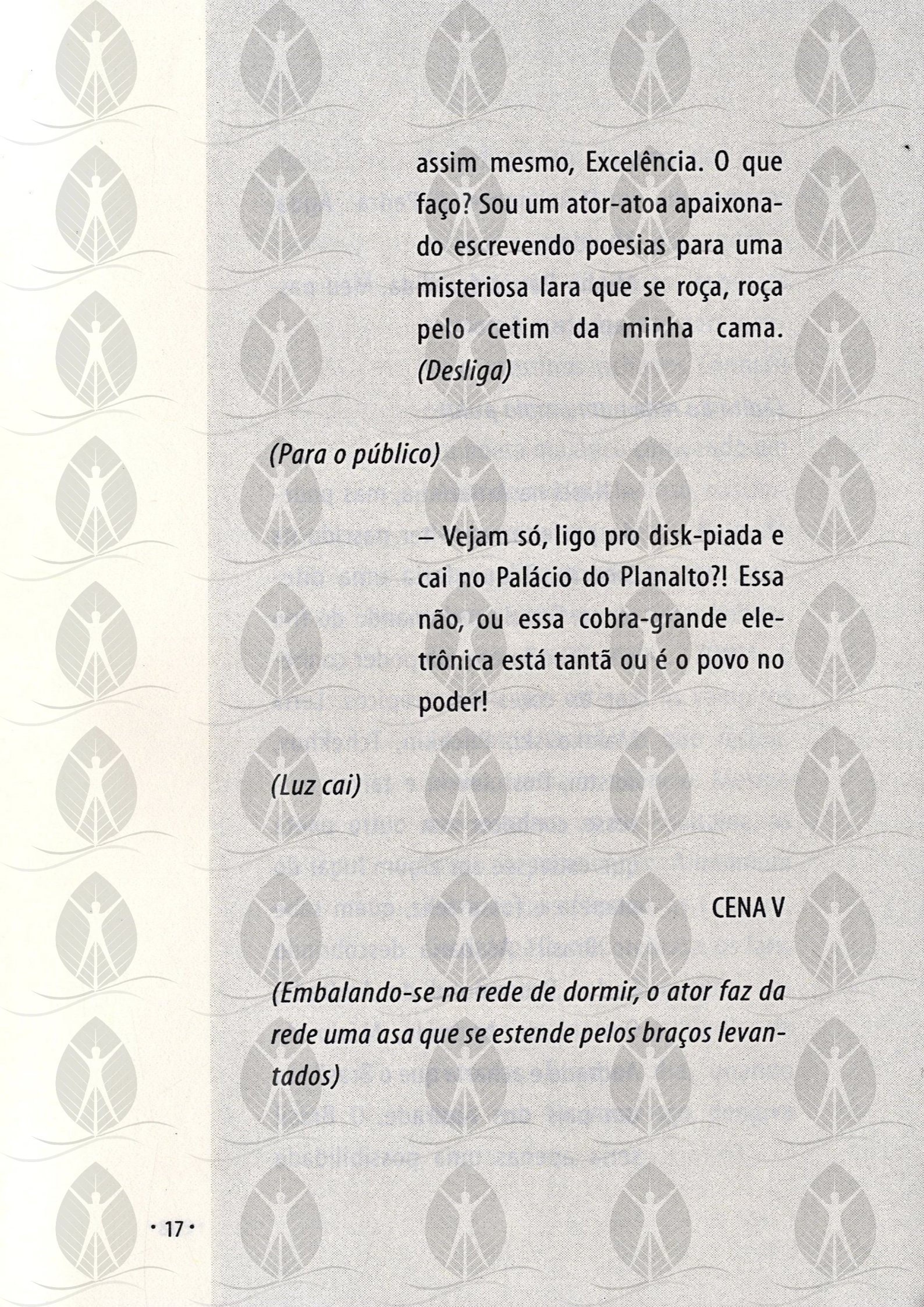
(Mudança de luz sob música circense)

CENA IV

(O ator retorna à máquina de escrever. Faz-se circunspecto. Começa a escrever. Pára, retoma. Pensativo. Resolve telefonar. Disca.)

ATOR

– Zero... zero... zero... zero... de onde falam? O quê??? Do Palácio do Planalto? Onde??? Excelência... foi um imenso engano... linha cruzada... foi um prazer



assim mesmo, Excelência. O que
faço? Sou um ator-atoa apaixonado
escrevendo poesias para uma
misteriosa lara que se roça, roça
pelo cetim da minha cama.
(Desliga)

(Para o público)

– Vejam só, ligo pro disk-piada e
cai no Palácio do Planalto?! Essa
não, ou essa cobra-grande eletrônica
está tantã ou é o povo no
poder!

(Luz cai)

CENA V

*(Embalando-se na rede de dormir, o ator faz da
rede uma asa que se estende pelos braços levantados)*

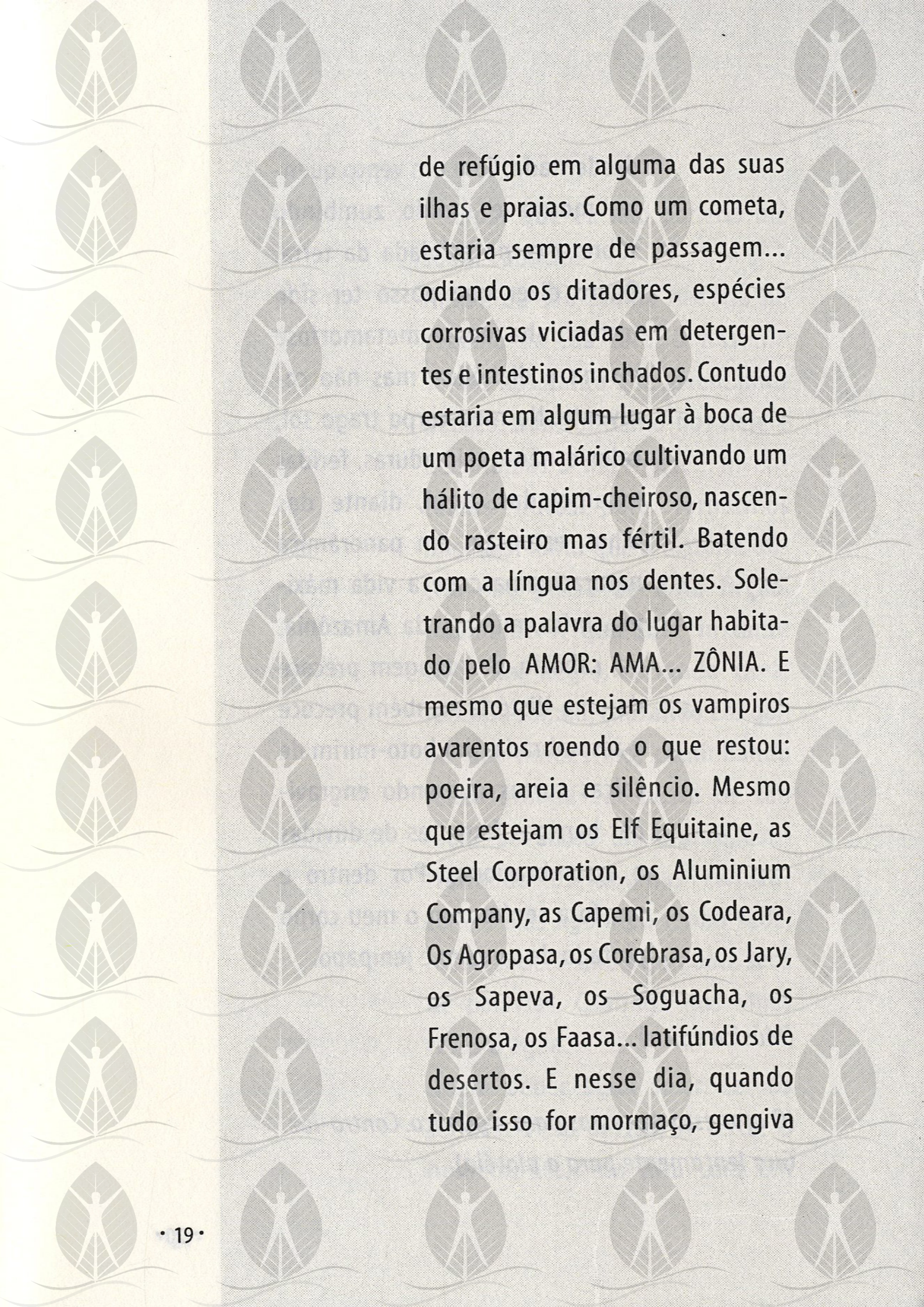
ATOR

– Meu nome é Pedra. Água.
Mundo.

Minha Pátria é a Vida. Meu pas-
saporte, o Amor.

(Salta da rede num amplo pulo)

– Nasci na Amazônia, mas pode-
ria perfeitamente ter nascido na
Sibéria. O que faria uma dife-
rença. Estaria reclamando do frio
e sonhando um dia poder conhe-
cer as cores dos trópicos. Leria
Maiakovski, Puchkin, Tchekhov,
Tolstói, Dostoievski e talvez qui-
sesse conhecer um outro poeta
que estivesse em algum lugar do
planeta e fosse feliz, quem sabe
no Brasil? Acabaria descobrindo
Carlos Drummond de Andrade,
Oswald de Andrade, Mário de
Andrade e acharia que o Brasil era
um país dos Andrade. O Brasil
seria apenas uma possibilidade



de refúgio em alguma das suas ilhas e praias. Como um cometa, estaria sempre de passagem... odiando os ditadores, espécies corrosivas viciadas em detergentes e intestinos inchados. Contudo estaria em algum lugar à boca de um poeta malárico cultivando um hálito de capim-cheiroso, nascendo rasteiro mas fértil. Batendo com a língua nos dentes. Soletrando a palavra do lugar habitado pelo AMOR: AMA... ZÔNIA. E mesmo que estejam os vampiros avarentos roendo o que restou: poeira, areia e silêncio. Mesmo que estejam os Elf Equitaine, as Steel Corporation, os Aluminium Company, as Capemi, os Codeara, Os Agropasa, os Corebrasa, os Jary, os Sapeva, os Soguacha, os Frenosa, os Faasa... latifúndios de desertos. E nesse dia, quando tudo isso for mormaço, gengiva

desdentada. Com um vento quente, morno e úmido zumbindo sobre a carne esfolada da terra. Quero dizer que posso ter sido testemunha dessa metamorfose insana e diabólica, mas não conivente. No meu corpo trago sol, calor e não queimaduras, feridas escarpadas. Aqui, diante dos olhos, estouram em panorâmica naturacinamascope a vida máxima, infra, mínima da Amazônia. Eu, caboclo, personagem precoce de uma História também precoce e assombrada. Um boto-mirim de calças curtas querendo engravidar barrigas famintas de dúvidas e assombrações. Por dentro e por fora sonho com o meu corpo pintado de urucum e jenipapo.

(Música épica)

(O ator está de costas para o público. Contra-luz. Gira lentamente para a platéia)



ATOR

– E por que eu não poderia me sentir caboclo?

Afinal, eu sou minha história no espelho da tua cara. O mistério somos nós, tanto que inventamos deuses, transformamo-nos nele e decretamos a sua morte... Inventamos mitos para tornarmos imortais. Tanto que a história oficial não passa de uma ficção. Duvidam? A qualquer instante serei um negro, cortando cana, fazendo samba, chutando em gol, ou um nordestino, caminhando feito formiga em busca de um lugar, um índio, um branco, contrariando os dogmas civilizatórios. Mas agora eu tenho sede, muita sede. Tenho a garganta seca de palavras. Caatinga nos olhos rasos d'água.

Quero beber água solar. Ler *Os sertões*. Vê o sertão. A terra. O homem. Estar na luta com um

faroeste no coração. Quero ser um poeta de palavras vorazes, tais como...

O verbo disciplina o caos!

(Música cinematográfica – clima de tensão)

– ...não, não, não é como se diz...
“no princípio era o Verbo”. Qual nada no princípio era o sozinho, a imaginação, o caos, a ação... Só depois é que veio o Verbo escravizando o pensamento, o tempo e o espaço.

– “Peço a palavra”. *(Solene)*

– Ter a palavra é um poder. Entre os animais é o homem que tem esse poder.

– “Tem a palavra”.

– E aí, eu me pergunto: se o Homem tem a palavra, quem lavrará o Homem com palavras férteis?

(Sons arbitrários, estridentes, sirene de polícia, plim-plim da TV Globo, etc. Assumindo vários personagens que caracterizam a frase)

– “Cala a boca!”

– “Aqui não tem ninguém com o nariz atravessado!”

– “Tá pensando o quê?! Isso aqui não é terra de índio, nããão!!!”

(Lentamente acende uma luz âmbar no abajur-tikuna e o ator posiciona-se debaixo dele. No tom natural da sua voz, diz a fala)

ATOR

– Isso aqui não só é “terra de índio” como é também terra dos índios.

(O ator-atoa sai debaixo da luz do abajur-tikuna e se coloca em uma contra-luz que provoca um efeito de silhueta. Luz e sombras)

– “Luxo para todos!”

– “Abaixo a ditadura!”

– “Proteja o verde da nossa bandeira!”

– “A Amazônia é nossa!”

– “Só o tesão vos une”.

– “Liberdade para a maconha”.

– “Mônica, te fiz mulher!”

– “Alfredo, te fiz homem!”

– “O planeta Terra é a nossa casa!”


(O ator assumindo uma outra personalidade, interrompe abruptamente o ímpeto das palavras de ordem)

ATOR

– Me deixa vender meu peixe?! “O petróleo é nosso!!!”

(Imitando voz de uma raposa política, procura identificar um político ‘raposão’ do seu tempo, da sua época)

– “Interesses alienígenas conspiram contra a Pátria!”



(Ator-atoa)

– “O petróleo é nosso!!!”

(Luz se apaga lentamente)

CENA VI

ATOR

– Acorda, papai, acorda papai, o dia raiou!

(Posiciona-se na rede de dormir como se fossem imensas asas, as mesmas asas dos pássaros que ficam em cima do Palácio do Catete)

ATOR

– A sonda petrolífera varou feito bala o coração do presente. Jorrou sangue. Atalhando os caminhos das conspirações palacianas. É uma lembrança remota, sacolejando... ardendo aqui nos miolos. Até parece que nunca aconteceu,

mas aconteceu. E antes que de-
sabe a memória nacional, é me-
lhor contar a versão do ima-
ginário possível.

*(O ator utiliza-se de todo o espaço cênico, mis-
tura-se à platéia, dialoga com um público assu-
mindo e interpretando os personagens corres-
pondentes a cada comentário)*

– “Getúlio morreu!!! Getúlio mor-
reu!!!”

– “O quê???? O presidente?!”

– “Getúlio se matou. Foi essa
manhã com um tiro no coração.
Deu no rádio. Está o maior que-
bra-quebra lá pelo sul”


– “Vale-me Nossa Senhora da
Aparecida, o presidente...”

– “Será que foi assassinado????”

– “É o fim do mundo!”

– “Cruz-credo, fecha essa boca,
madrinha”

– “É agosto. A bruxa está solta!
Desconjuro... O que será do Brasil?”

- 
- “Foi o Lacerda, malvado!”
 - “Não, foram as forças ocultas”
 - “Foram os norte-americanos, gringos safados!”
 - “Foram os russos, comunistas, ateus!!!”
 - “Foram os integralistas, os galinhas-verdes, covardes!!!”
 - “Qual nada, foi aquele crioulo do Gregório. Matou o velho de desgosto. É isso, preto quando não suja na entrada, suja na saída”
 - “É sempre assim... a gente estende a mão, trata como se fosse da família e olha aí...”
 - “Não preciso nem ir longe... lá em casa a gente cria uma cunhan-tã que veio lá do interior, tratamos como se fosse do próprio sangue, hã, ela, só vendo, braaaba...”
 - “Meu Deus, o presidente?!!!!”

(Através de gestos expressivos o ator ocupa todo o espaço cênico)

ATOR

— Extraordinariamente o barulho da sirene ocupou toda a cidade. As portas e janelas fechando uma a uma. Nas ruas as pessoas surgindo, correndo... desdentados, anal-fabetos, doutores de várias sabedorias. Com os políticos na retaguarda regendo a multidão em lágrimas na frente do edifício do *Jornal do Comércio*, lá na avenida Eduardo Ribeiro. Em um quadro-negro estava escrito em giz branco: "O PRESIDENTE DA REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL SUICIDOU-SE ESTA MANHÃ COM UM TIRO NO CORAÇÃO..."

Do meu berço esplêndido bisbi-
lhotava aqueles primeiros instan-
tes da minha vida. E como nada
podia fazer... chorei de fome, que-
ria os seios de mamãe! Ninguém
se importava com o meu choro.
Todos choravam, mas eu chorava
de fome. Queria mamar!

(Assumindo uma babá)

– “Cala essa boca, curumim! Tu vais vê o que é bom quando tu crescer. O presidente se matou, deu um tiro aqui, ó, aqui, no coração, sabes lá o que é isso?! Que Deus o tenha... e te proteja, curumim”. (Se benze)

ATOR

– Mal sabia eu... O tiro que matou o presidente Getúlio Vargas havia atingido o meu berço, manchando de pólvora várias gerações. Quanto a mim, dói um Al-5. Mas posso afirmar, não trago espinha de peixe engasgada na garganta. A máquina do tempo é o cérebro, computador de pesadelos e sonhos.

CENA VII

(O ator-atoa está na rede de dormir. Ele a ocupa confortavelmente. Um pedaço de coxa. Um mexer sensual num crescendo orgásmico. Percebe-se em uma das mãos uma foto ou uma página de revista, entre sussurros e gemidos)

ATOR

– Mar imaginar... mar imaginar... cavalos e éguas... Eu sei que não virás das alturas... mas que estás agora... aqui... Sinto teu cheiro em atrito com o meu cheiro... atrevida... afetuosa... traduzindo meus pensamentos que se transformam numa brasa louca... hã... hã... o toró cai... cai... tu... todinha encharcada... teus seios como dois montinhos de areia molhada... e eu... penetrando com minha canoa em teu paraná... agora... bebe, minha santa, o tucupi, a goma do meu corpo... Nós, como

dois passarinhos... uma rolinha...
e uma periquitinha... hãhã... hãhã...
ohhhhhh... ahhhh...

(Repentinamente os gemidos de prazer são interrompidos por clarim militar)

– “Meu filho, o que significa isso?!!”

– “Nada, eu estava fazendo nada... tava rezando... estudando o catecismo. Sim senhora, vou sim, já vou. O mano está no quartel? Por que vão fazer guerra? Contra quem? Os comunistas?!... Os comunistas iam tomar tudo de todo mundo? Até minha bicicleta? Minhas irmãs seriam de qualquer um?... Sim senhora”

– “Mas agora tudo mudou, o perigo passou... Os senhores deram até as alianças, não foi? Compreendo, sim, senhor. A corrupção acabou. A moeda nacional vai

ficar mais forte. Sim, mamãe.
Sim... papai, agora sim, estamos a
salvos. O nosso Brasil está salvo!”

CENA VIII


*(Diálogo entre amigos. De costas para a platéia,
o ator está sentado em uma cadeira. A contra-
luz ressalta a fumaça e os burburinhos carac-
terísticos de um 'role'. O espaço cênico se encon-
tra esfumaçado)*

– “Eu vi esse filme”.

– “Não, não, tu não viste esse
filme”.

– “Claro que eu vi, ou tu achas que
estou com o miolo mole. Eu vi esse
filme, ele passou...”

– “Claro que não... te garanto,
cara, eu tava lá...”



– “Olha os homi aí, esconde o baseado”.

(Assobiando)

ATOR

– Mar imaginar. Cavalos e éguas a se roçar.

Quem fez 64 nunca fez 69.

(Cai a luz e fica a silhueta do ator e a máscara)

ATOR *(Canta)*

– De cem em cem /
sempre surge alguém e diz:

– Eu vi.

De cem em cem anos /
Sempre surge alguém que diz:

– “Não me decifras, senão te devoro!”

(Luz cai sob sons de relâmpagos, raios e trovões)

CENA IX

(O ator-atoa parece dialogar com um fantasma. Contracena com a cadeira, mas também possui uma máscara atrás da cabeça. Ele assume os personagens conforme o diálogo. O Dr. Libório é um clássico inquisidor/torturador da ditadura. Demonstra uma personalidade dúbia, ora se mostra compreensível e tenta impressionar pelo carisma gentil, mas, por outro lado, assim que observa 'a sua presa' renitente, vai revelando a sua violenta personalidade repressora)

DR. LIBÓRIO

– Meu nome é Dr. Libório e gostaria que você me respondesse algumas perguntas. O seu nome?

ATOR

– Fulano de Tal.

DR. LIBÓRIO

– Eu perguntei o nome completo.

ATOR

– Fulano de Tal da Amazônia.



DR. LIBÓRIO

– Não tem pai, não tem mãe?

ATOR

– Beltrano e Cicrana de Tal da
Amazônia.

DR. LIBÓRIO

– Fulano de Tal da Amazônia, o
senhor se meteu numa enrascada
e, o pior, está nos dando muito
“trabalho”. Tem gente até que já
queria te meter no pau. Pois é,
mas vi logo que és boa gente, daí
confiar na tua sinceridade...

ATOR

– Não sei do que se trata... Gos-
taria que informasse minha fa-
mília... Por que estou aqui? Tudo
isso é um grande equívoco.

DR. LIBÓRIO

– Aqui quem pergunta somos
nós. Nós também não sabemos de

nada. Estamos querendo saber. Isto é, se você, Fulano de Tal da Amazônia, colaborar. Mas fique tranqüilo, só queremos ter uma conversinha rápida. *(Pausa)* Esses papéis são seus?

ATOR

– Sim.

DR. LIBÓRIO

– Quem escreveu isto?

ATOR

– Eu.

DR. LIBÓRIO

– Tem certeza? Quem escreveu? Quem mandou? Pra quem iria entregar? Qual o nome da sua organização e do seu contato?

ATOR

– Que organização?... Vocês estão loucos, isto é uma loucura?!!



DR. LIBÓRIO

– Responda, seu moleque. Quem mandou esses documentos do estrangeiro?

ATOR

– Quem escreveu este texto fui eu. Não faço parte de partido, organização, de coisa nenhuma, não sei onde vocês querem chegar, quero sair daqui, quero ir embora daqui...

DR. LIBÓRIO

– Não se faça de engraçadinho. Não me venha com conversinha, seu merda! Tu vais entrar no pau. E me trata de doutor Libório, doutor Libório, moleque!

ATOR

– Dr. Libório, fui eu quem escreveu, são minhas anotações de viagem... São opiniões minhas, escritas por mim...

DR. LIBÓRIO (*Ironizando*)

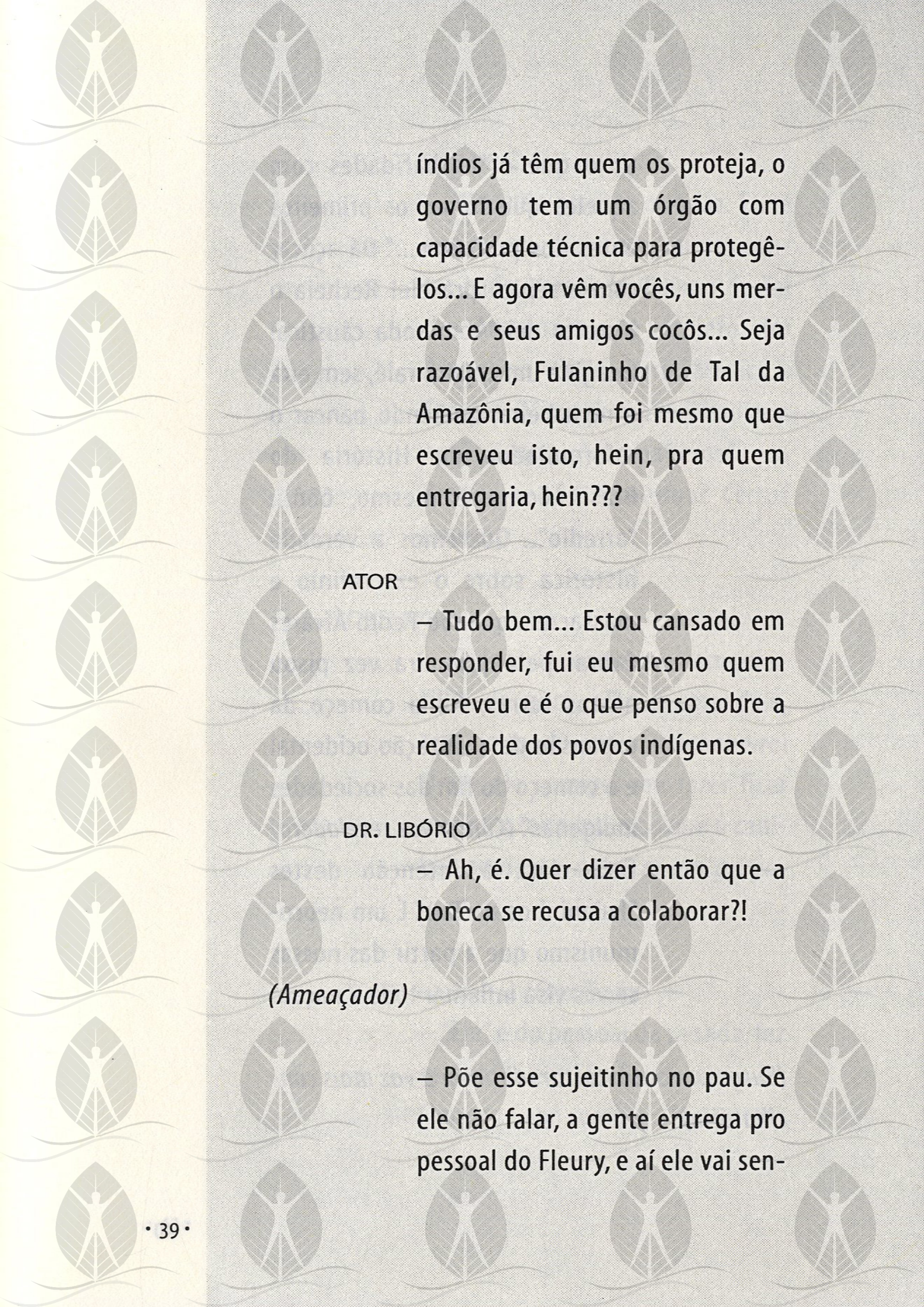
– Viagem de férias, de recreio, hein? Viagem de subversão, isto sim! Viagem a países subversivos, não é, seu merda? Tu sabes o que acontece com as pessoas que escrevem isto?

ATOR

– Mas isto está nos livros...

DR. LIBÓRIO

– Quais livros?... O comunista, não é? Pois fique sabendo que esse negócio... como é mesmo que está escrito aqui... "Indo-americanismo". Tudo isso é conversinha fiada, pretexto para vocês e seus amigos comunistas em inimizar índios, pretos contra as autoridades constituídas. Não existe um outro país que tenha tamanha democracia racial. Veja o Pelé, ele é tratado como um rei. O rei Pelé! Além do mais, senhor Fulaninho de Tal, os



índios já têm quem os proteja, o governo tem um órgão com capacidade técnica para protegê-los... E agora vêm vocês, uns merdas e seus amigos cocôs... Seja razoável, Fulaninho de Tal da Amazônia, quem foi mesmo que escreveu isto, hein, pra quem entregaria, hein???

ATOR

– Tudo bem... Estou cansado em responder, fui eu mesmo quem escreveu e é o que penso sobre a realidade dos povos indígenas.

DR. LIBÓRIO

– Ah, é. Quer dizer então que a boneca se recusa a colaborar?!

(Ameaçador)

– Põe esse sujeitinho no pau. Se ele não falar, a gente entrega pro pessoal do Fleury, e aí ele vai sen-

tir o que é “barbaridades com aqueles que foram os primeiros antes dos primeiros...” Dá açúcar com arsênico pra ele! Recheia o biscoito dele com soda cáustica! Imagine um sujeito ralé, sem eira e nem beira, querendo bancar o reformulador da História do Brasil. Como é mesmo, ôôô... “arredio”... Queremos a verdade histórica sobre o extermínio e massacre... quando Pedro Álvares Cabral pela primeira vez pisou nestas terras, foi o começo da expansão da civilização ocidental e o começo do fim das sociedades indígenas”. *(Com a voz reveladora)* Está clara a intenção destes “Fulaninhos de Tais”. É um neocomunismo que a partir das nossas selvas visa inflamar toda a nação.

(Surge um outro torturador com a voz mais conciliatória)

TORTURADOR 2

– Não, não assusta o rapaz. Ele é boa gente, não é, ele vai nos contar tudo. Vamos lá, Fulano de Tal da Amazônia... o trajeto foi Argentina, Chile, Peru, México... Caracas, Manaus e daí Brasília, e então aos “compañeros” do Araguaia, não é mesmo? Certo? Então...

DR. LIBÓRIO

– Deixa de conversa com esse filho da puta, olha a cara dele, tem jeito de índio maconheiro! Deixa ele comigo, vou fazer ficar nuzinho, feito índio, só que o canibal aqui sou eu! *(Cai em gargalhadas)*

TORTURADOR 2 *(Conciliador)*

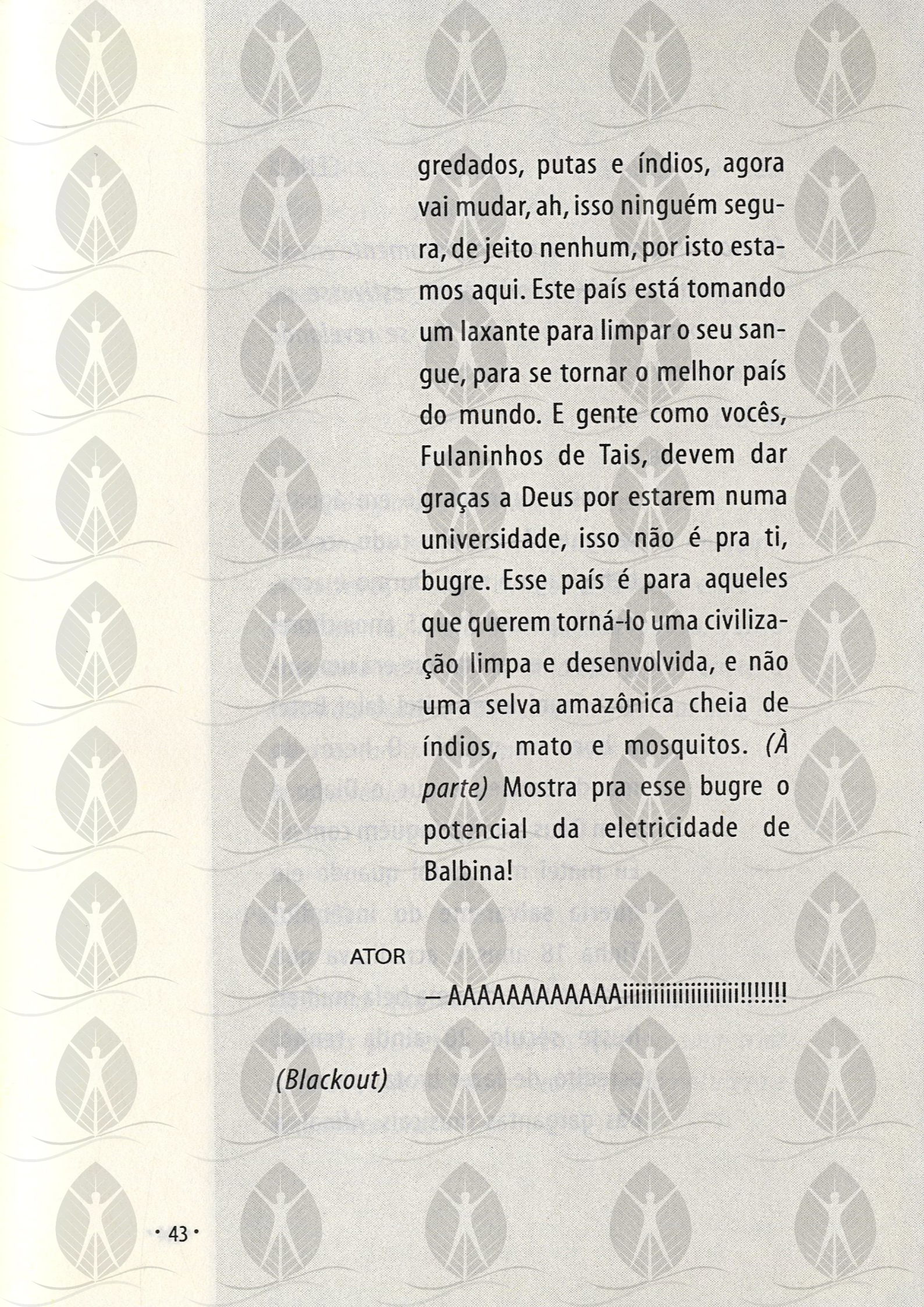
– “Ele” é do pessoal da pesada, fez estágio lá em São Paulo com o Dr. Fleury... Sabe como é... Tu não tem

cara que escreve coisa com coisa. Como é? Só queremos saber quem está por trás disto tudo, quem está pregando “o desaparecimento da civilização para dar lugar à vida tribal, e a eliminação da propriedade privada e até mesmo da família, e que nas tribos indígenas encontram-se os padrões perfeitos da vida humana”, que conversa é essa, Fulano de Tal da Amazônia? Vamos, queremos os nomes, alguns nomes.

DR. LIBÓRIO

– Mete logo uma flecha no cu desse bugre, porra!!! Ele tá ganhando tempo.

– Olha, bugre, nesse país não é lugar pra gente da tua laia. E se a nossa história começou com de-



gredados, putas e índios, agora vai mudar, ah, isso ninguém segura, de jeito nenhum, por isto estamos aqui. Este país está tomando um laxante para limpar o seu sangue, para se tornar o melhor país do mundo. E gente como vocês, Fulaninhos de Tais, devem dar graças a Deus por estarem numa universidade, isso não é pra ti, bugre. Esse país é para aqueles que querem torná-lo uma civilização limpa e desenvolvida, e não uma selva amazônica cheia de índios, mato e mosquitos. (*À parte*) Mostra pra esse bugre o potencial da eletricidade de Balbina!

ATOR

— AAAAAAAAAAAAAiiiiiiiiiiiiiiiiiiii!!!!!!!

(Blackout)

CENA X

(O ator-atoa encontra-se completamente envolvido pela rede de dormir, como estivesse no útero, como em um balé ele vai se revelando lentamente)

ATOR

– Nasci nu, molhado em água e sangue. Antes de tudo, como, bebo, cago e mijo. Durmo e acordo. Ah, penso! Aos 15 anos chorei porque percebera que era um animal. Gruni, urrei, gritei, falei. Botei a boca no mundo. O herói do mundo sou eu e que o Diabo e nem Deus e nem ninguém comeu. Eu matei meu herói quando ele queria salvar-me do incêndio! Tinha 18 anos e acreditava que poderia ter sido uma bela mulher. Neste século 20 ainda tenho, acredito, de fazer brotar palavras das gargantas musicais. Afinal, a

esperança é a única que não morre.

(Som de chuva caindo, relâmpagos ao longe...)

CENA XI

(Olhando para o público, vira-se e dirige-se à máquina de escrever. A luz localiza a máquina de escrever, o ator senta-se e começa escrever avidamente, ansiosamente, faz pausa, retira bruscamente o papel, amassa, joga, repete a mesma ação, até que começa a pensar alto, ler o texto, caminhando para todas as direções do espaço cênico)

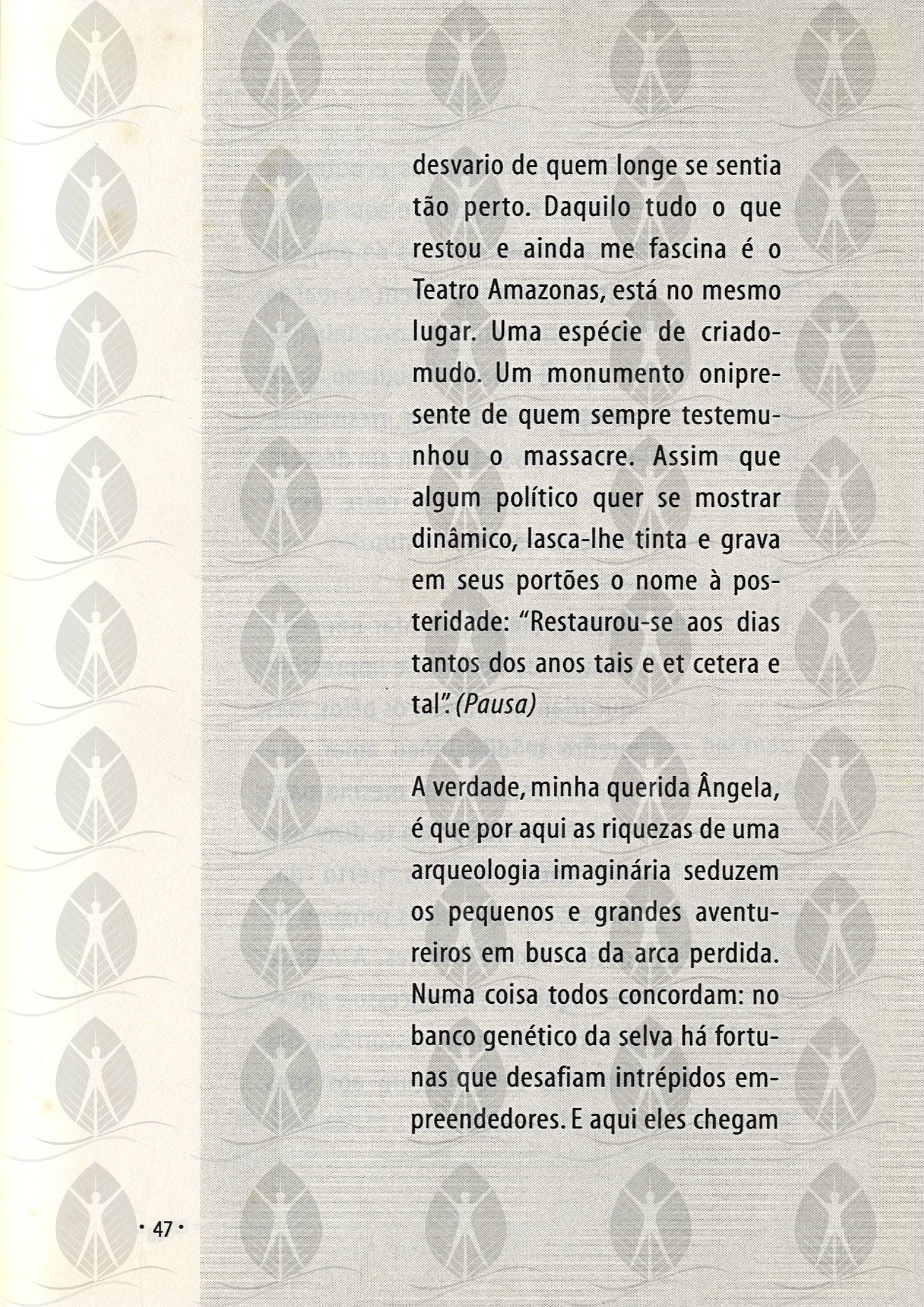
PROJEÇÃO

(Imagens que caracterizam a Amazônia e a Manaus pitoresca. Imagens que possam criar uma atmosfera onírica e abstrata da natureza e da arquitetura)

ATOR

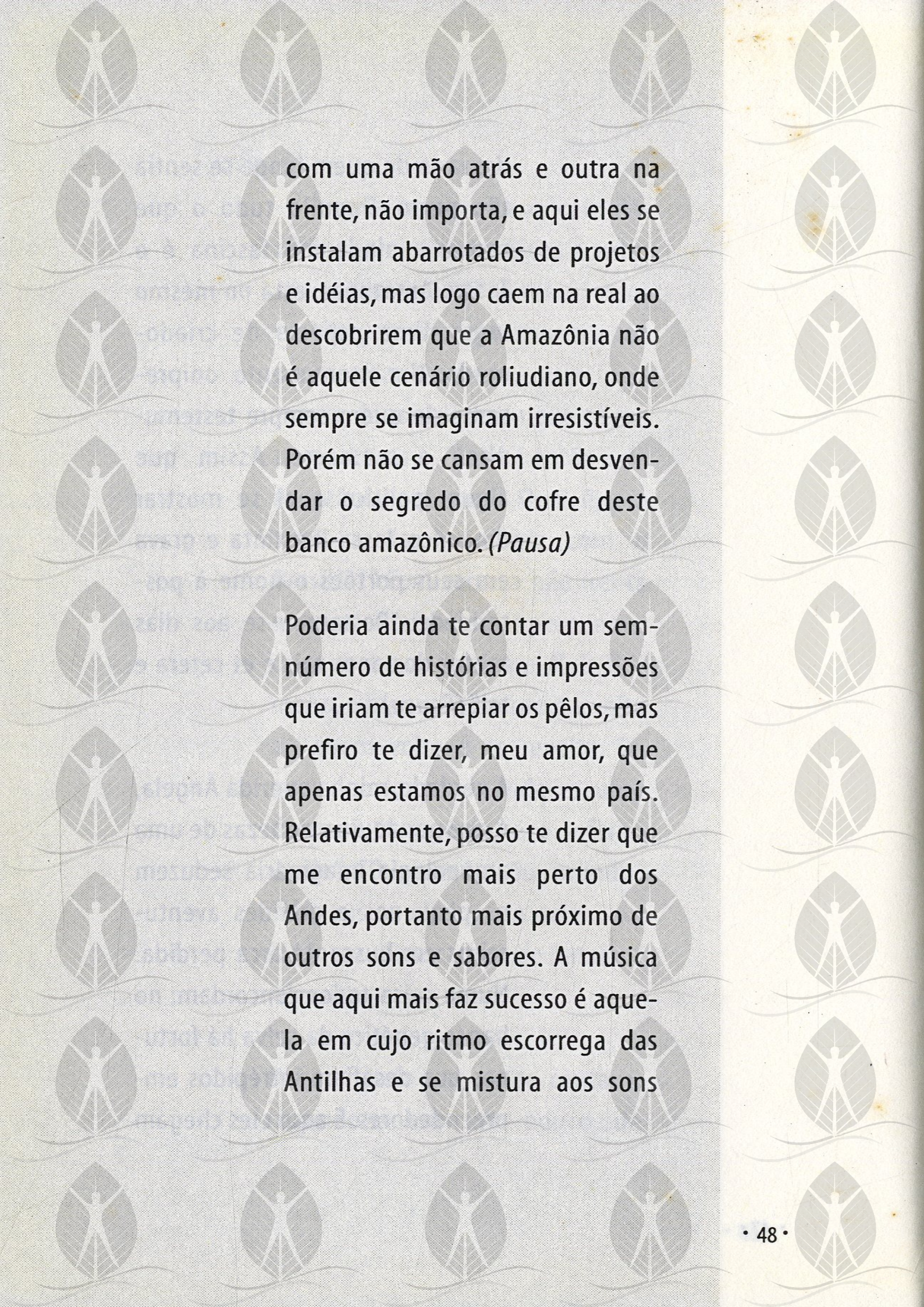
– Ângela, aproveito o cair das últimas chuvas sucessivas e antes que a umidade dilua meus ossos em fungos, resolvi escrever a tão prometida resposta, principalmente depois daquela que tu me perguntavas: – “Qual é então a da Amazônia pra você? Qual é, pra você, a da Amazônia com o Brasil???” Com certeza não irei te responder tal e qual as perguntas, de maneira que deixarei fluir. Primeiro, o meu sentimento é a volta de quem volta e se revolta. De quem ao longo da vida escutou dizerem: “Amazônia, é o inferno verde”, “O pulmão do mundo”, “Manaus, a vitrine da selva” ou “Manaus é um campo de batalha”.
(Pausa)

Daquilo tudo que eu te contava, realmente era um pouco de

The background of the page features a repeating pattern of stylized leaves. Each leaf contains a white silhouette of a human figure with arms raised, standing on a small base. The leaves are arranged in a grid-like fashion, with some overlapping. The overall color scheme is muted, with shades of green and grey.

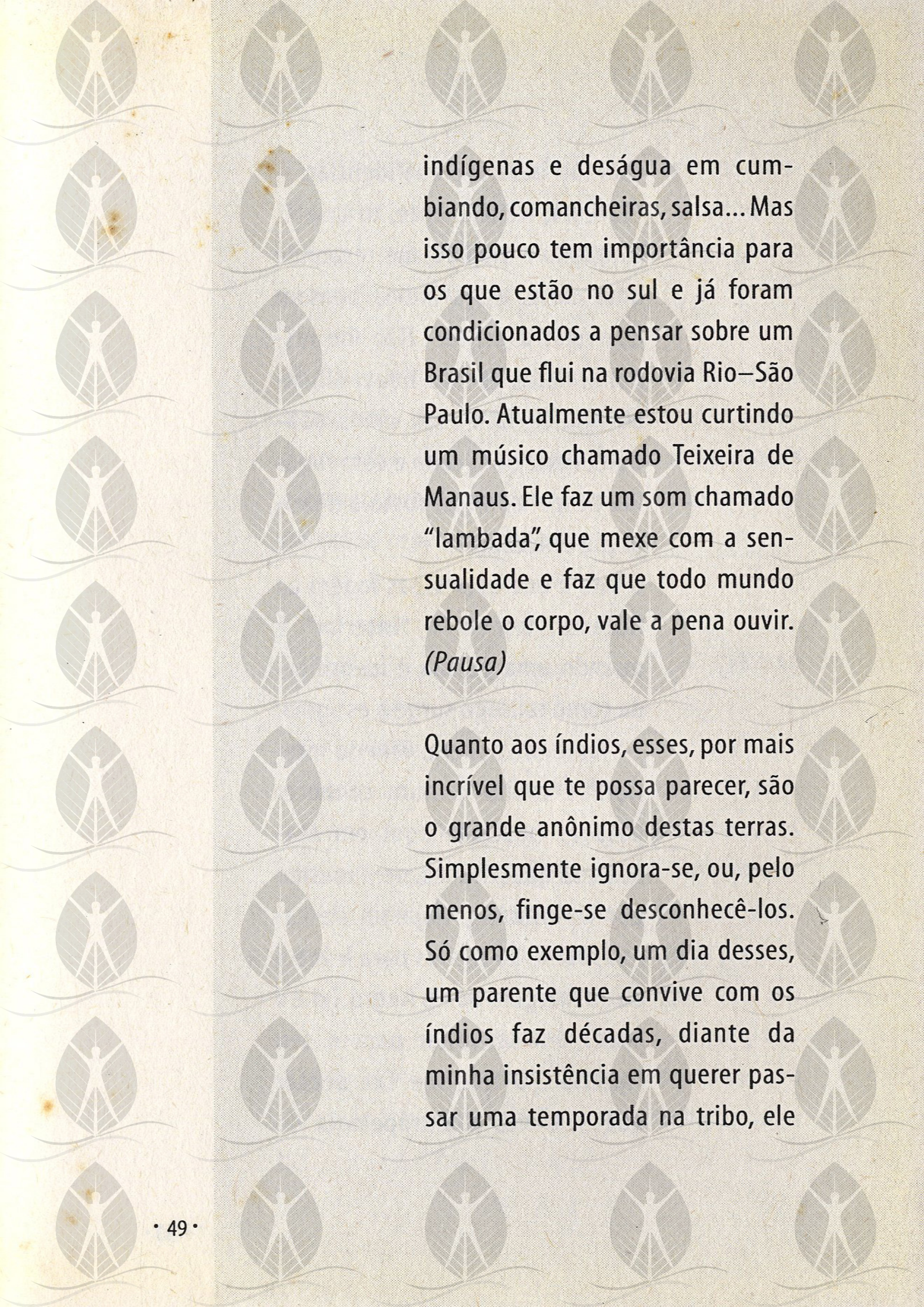
desvario de quem longe se sentia
tão perto. Daquilo tudo o que
restou e ainda me fascina é o
Teatro Amazonas, está no mesmo
lugar. Uma espécie de criado-
mudo. Um monumento onipre-
sente de quem sempre testemu-
nhou o massacre. Assim que
algum político quer se mostrar
dinâmico, lasca-lhe tinta e grava
em seus portões o nome à pos-
teridade: "Restaurou-se aos dias
tantos dos anos tais e et cetera e
tal". *(Pausa)*

A verdade, minha querida Ângela,
é que por aqui as riquezas de uma
arqueologia imaginária seduzem
os pequenos e grandes aventu-
reiros em busca da arca perdida.
Numa coisa todos concordam: no
banco genético da selva há fortu-
nas que desafiam intrépidos em-
preendedores. E aqui eles chegam

The background of the page is a repeating pattern of stylized leaves. Each leaf contains a white silhouette of a human figure with arms raised, standing on a small base. The leaves are arranged in a grid-like fashion, with wavy lines separating the rows.

com uma mão atrás e outra na frente, não importa, e aqui eles se instalam abarrotados de projetos e idéias, mas logo caem na real ao descobrirem que a Amazônia não é aquele cenário roliudiano, onde sempre se imaginam irresistíveis. Porém não se cansam em desvendar o segredo do cofre deste banco amazônico. *(Pausa)*

Poderia ainda te contar um sem-número de histórias e impressões que iriam te arrepiar os pêlos, mas prefiro te dizer, meu amor, que apenas estamos no mesmo país. Relativamente, posso te dizer que me encontro mais perto dos Andes, portanto mais próximo de outros sons e sabores. A música que aqui mais faz sucesso é aquela em cujo ritmo escorrega das Antilhas e se mistura aos sons



indígenas e deságua em cum-
biando, comancheiras, salsa... Mas
isso pouco tem importância para
os que estão no sul e já foram
condicionados a pensar sobre um
Brasil que flui na rodovia Rio—São
Paulo. Atualmente estou curtindo
um músico chamado Teixeira de
Manaus. Ele faz um som chamado
“lambada”, que mexe com a sen-
sualidade e faz que todo mundo
rebole o corpo, vale a pena ouvir.
(Pausa)

Quanto aos índios, esses, por mais
incrível que te possa parecer, são
o grande anônimo destas terras.
Simplesmente ignora-se, ou, pelo
menos, finge-se desconhecê-los.
Só como exemplo, um dia desses,
um parente que convive com os
índios faz décadas, diante da
minha insistência em querer pas-
sar uma temporada na tribo, ele

chamou para me confidenciar: –
“Parente, francamente, tu que és
estudado e viajado, me responde
uma coisa: esses índios pensam
que nem a gente?” Não lhe res-
pondi nada, apenas fiquei olhan-
do aquela face com olhos oblí-
quos, nariz de tucano e com rugas
lhe desenhando no rosto a hidro-
grafia amazônica.

O fato é que as pessoas fogem da
floresta, temem o “interior” e
quando uma pessoa é identifica-
da como tal, logo surge o estigma:
– “Também, pudera, veio do inte-
rior!” É muito comum conhecer
pessoas nascidas aqui em Ma-
naus, as quais nunca, nem mesmo
por curiosidade, viajaram de ca-
noa, balsa, ao menos para ir até a
outra margem do rio Negro. Tal é o
pavor em se voltar para o seu
“interior”. O que me faz pensar
que somente a antropologia do

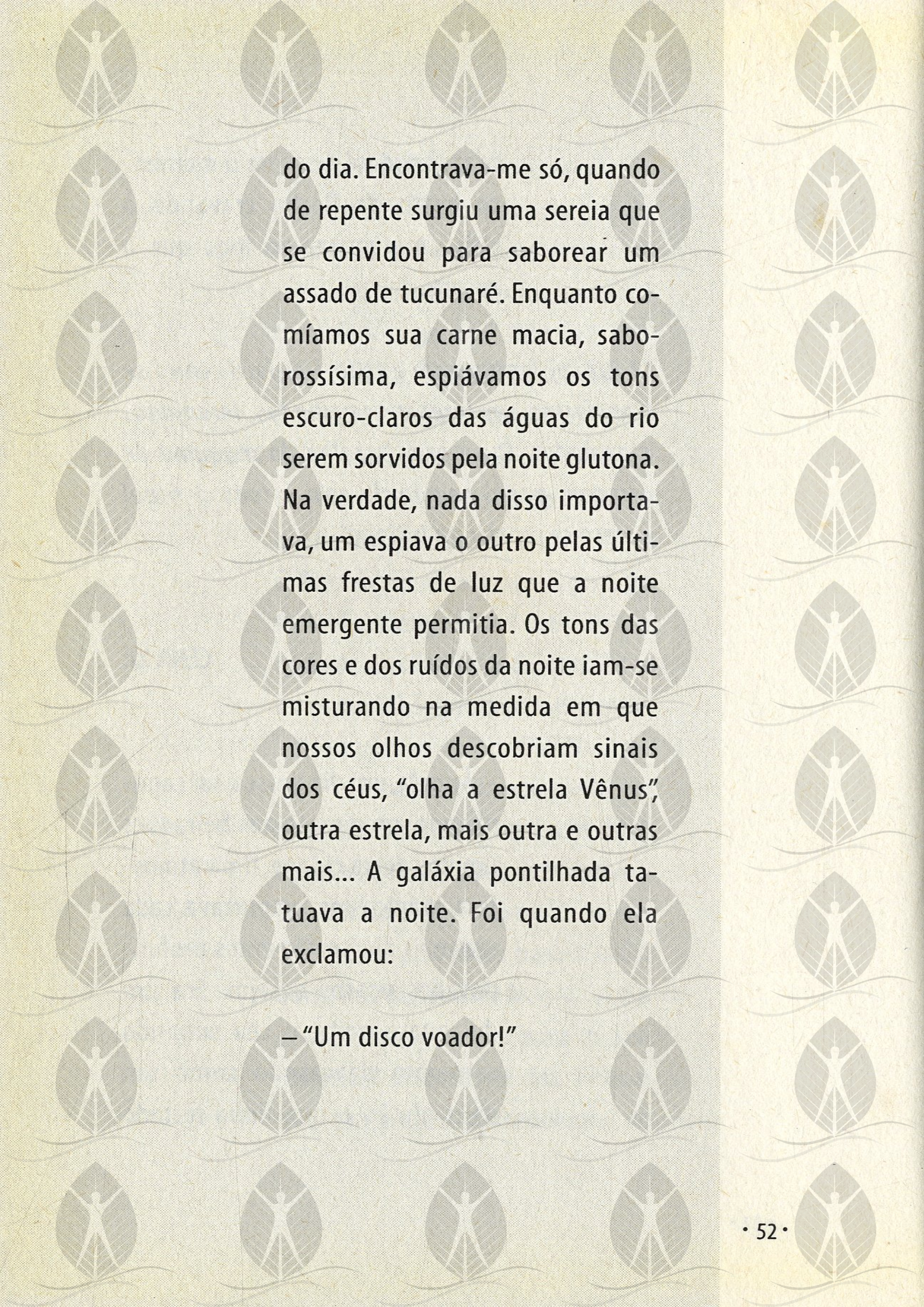
prazer poderá resgatar o momento exato da flecha cravando o peixe e o nascer do fogo que o assará.

(A luz cai lentamente e todo o espaço cênico se transforma em cores avermelhadas, laranjadas e azuladas. Ouve-se o barulho da máquina de escrever, papel saindo do rolo e todo o ritual parece se repetir ao infinito)

CENA XII

ATOR

— Ângela, um dia desses, saí caminhando em direção aos beiradões úmidos desta cidade. Uma atmosfera mágica me empurrava cada vez mais aos sentimentos profundos dos nossos desejos. Era um dia quase noite, o céu surgindo carnívoro devorando como um deus glutão o que tinha restado



do dia. Encontrava-me só, quando de repente surgiu uma sereia que se convidou para saborear um assado de tucunaré. Enquanto comíamos sua carne macia, saborossíssima, espiávamos os tons escuro-claros das águas do rio serem sorvidos pela noite glutona. Na verdade, nada disso importava, um espiava o outro pelas últimas frestas de luz que a noite emergente permitia. Os tons das cores e dos ruídos da noite iam-se misturando na medida em que nossos olhos descobriam sinais dos céus, “olha a estrela Vênus”, outra estrela, mais outra e outras mais... A galáxia pontilhada tatuava a noite. Foi quando ela exclamou:

— “Um disco voador!”

Respondi-lhe:

– “É uma estrela-canibal!”

(Pausa)

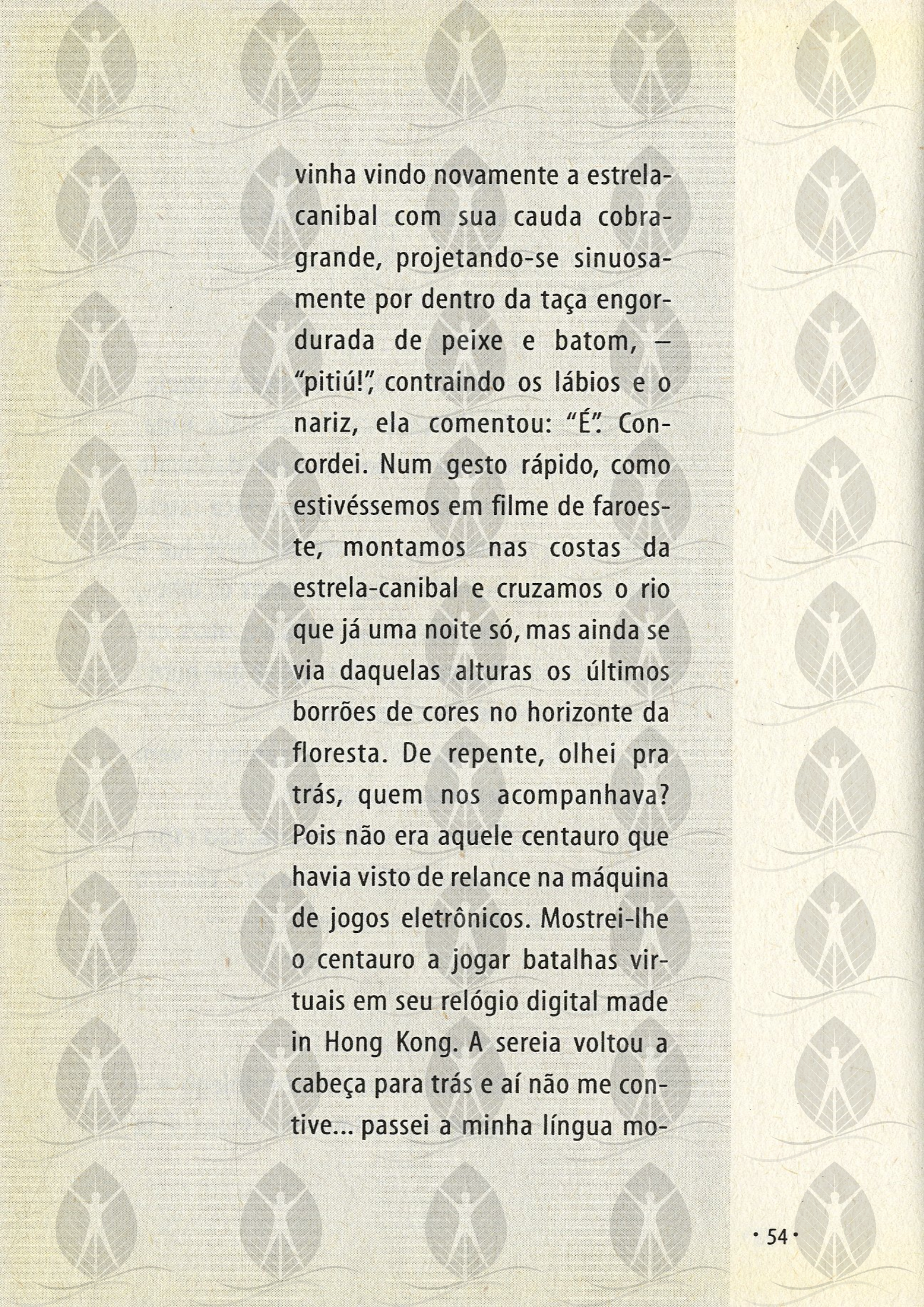
– Realmente, ali estava a estrela-canibal, nunca havia visto uma, enquanto passava, ia deixando atrás de si uma gigantesca cauda vermelha... Diante da forte luz e da intensa cor, fechamos os olhos, mas foi aí que eu disse, aliás exclamamos juntos, quase que numa mesma sincronia:

– “Agora, estrela-canibal, vem devorar-me, vem!”

Quanto a você, cometa, não esperarei o outro século pra contigo viajar!”

(Pausa)

Quando retomamos o fôlego e a coragem, abrimos os olhos... E lá



vinha vindo novamente a estrela-canibal com sua cauda cobra-grande, projetando-se sinuosamente por dentro da taça engordurada de peixe e batom, — “pitiú!”, contraindo os lábios e o nariz, ela comentou: “É”. Concordei. Num gesto rápido, como estivéssemos em filme de faroeste, montamos nas costas da estrela-canibal e cruzamos o rio que já uma noite só, mas ainda se via daquelas alturas os últimos borrões de cores no horizonte da floresta. De repente, olhei pra trás, quem nos acompanhava? Pois não era aquele centauro que havia visto de relance na máquina de jogos eletrônicos. Mostrei-lhe o centauro a jogar batalhas virtuais em seu relógio digital made in Hong Kong. A sereia voltou a cabeça para trás e aí não me contive... passei a minha língua mo-

lhada pelo seu longo pescoço e sussurrei:

– “Abre a cabeça, coração!”

Rubros relâmpagos rosnavam indiscretamente por detrás das nuvens carregadas de chuva. Mas ela não se intimidou:

– “Vai fundo, meu amor, e rouba o azul do céu onde ele estiver, no verão, no outono, em pleno temporal, onde ele estiver!” *(Pausa)*

(O ator-atoa encontra-se se embalando na rede em um ritmo cada vez mais alucinante)

E quando sobrevoávamos o oceano Pacífico, e que num instante único já podíamos ver o oceano Atlântico... penetrávamos cada vez mais nas camadas superiores da atmosfera, pensei:

astronave de céu, floresta e água!”

Ela me respondeu, cedendo um sorriso maroto:

– “O rio e a floresta por nós deverão ser alcançados?”

Respondi-lhe:

– “Os campos estão cercados pelas cidades. O corpo do planeta Terra foi retalhado!”

(Música épica misturada aos ruídos urbanos: gente conversando, multidão em manifestações públicas, engarrafamentos, telefone tocando, britadeiras, turbinas de avião, sirene de polícia, programas de televisão e programas de rádio)

CENA XIII

(O ator-atoa surge na boca de cena. Ele está colocando uma mochila. Inesperadamente ela

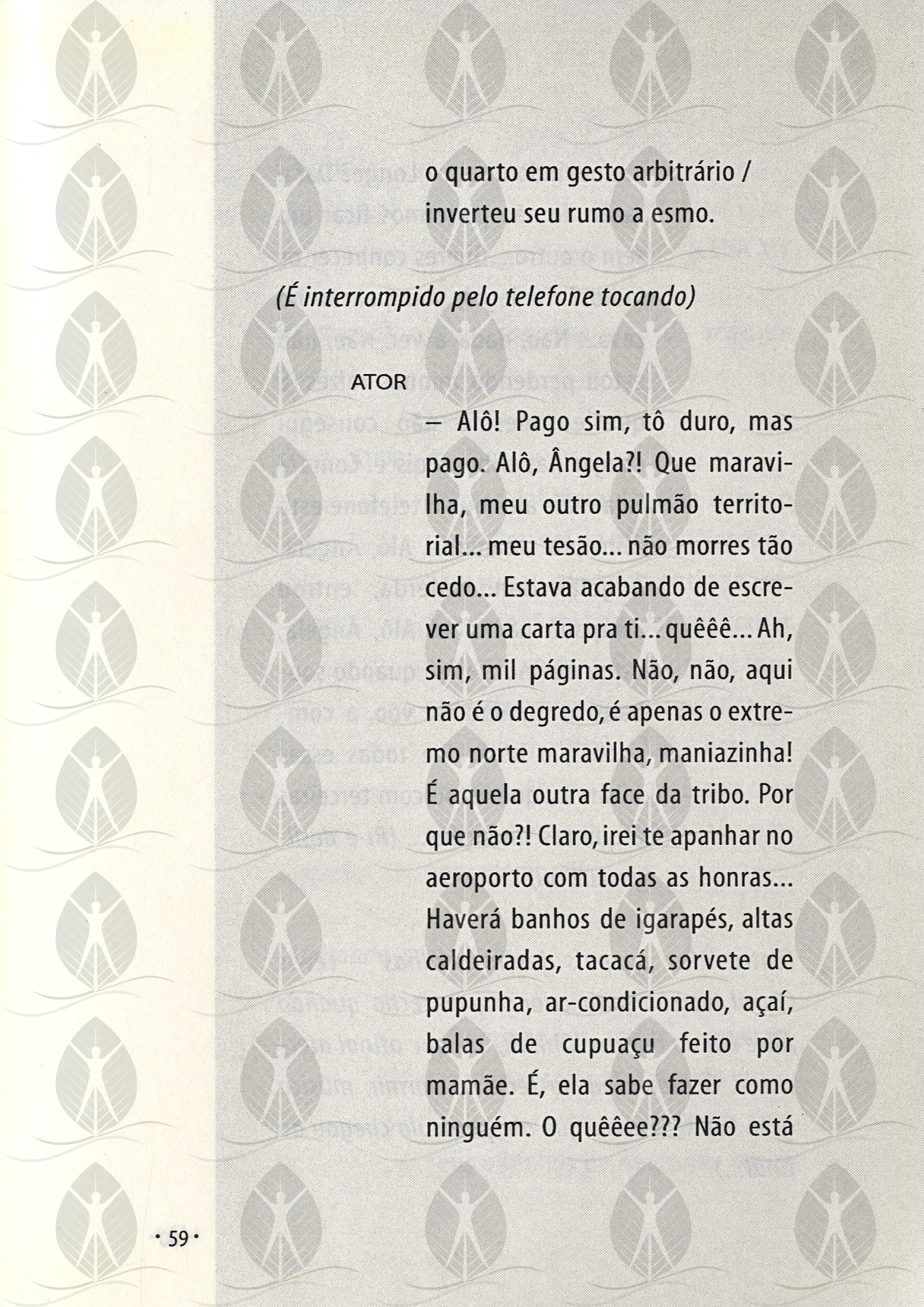
se rompe, e vários objetos caem no chão... fitas cassetes, áudio e vídeo, livros, cuia, pedaços de madeiras e sementes, casca de árvore, pedra e areia, um pequeno globo terrestre. O ator-atoa fica atônito ao observar os objetos caírem e o globo a girar pelo palco)

ATOR

– Sou um ser escafandro. Todos os dias vasculho a imensidão dos rios. Como um velho marinheiro, ainda acredito no mapa da mina e assim reconquisto relíquias do meu ser antes mantido no esquecimento. Nesse ofício de ator-atoa, sempre arrisco um pensamento no desejo que alguma dessas palavras possam sobreviver mais que nós todos.

(Canta)

Três vezes topei comigo mesmo /
andando no sentido contrário /



o quarto em gesto arbitrário /
inverteu seu rumo a esmo.

(É interrompido pelo telefone tocando)

ATOR

— Alô! Pago sim, tô duro, mas pago. Alô, Ângela?! Que maravilha, meu outro pulmão territorial... meu tesão... não morres tão cedo... Estava acabando de escrever uma carta pra ti... quêêê... Ah, sim, mil páginas. Não, não, aqui não é o degredo, é apenas o extremo norte maravilha, maniazinha! É aquela outra face da tribo. Por que não?! Claro, irei te apanhar no aeroporto com todas as honras... Haverá banhos de igarapés, altas caldeiradas, tacacá, sorvete de pupunha, ar-condicionado, açaí, balas de cupuaçu feito por mamãe. É, ela sabe fazer como ninguém. O quêêêê??? Não está

me ouvindo direito? Longe? Daí a razão de não podermos ficar um sem o outro... Queres conhecer os índios? Tá legal, vou pensar no caso... Não, nada a ver. Não, não estou perdendo minhas raízes. É que eu mesmo não consegui chegar nas tribos. Pois é. Como?? Fala mais alto que o telefone está ruim pra caramba... Alô, Ângela, Ângela! Hãn... Merda, entrou carapanã na linha! Alô, Ângela, estou ouvindo, avisa quando souberes o número do vôo, a companhia, o horário e todas essas coisitas... que estou com terceiras e quintas intenções... *(Ri e desliga. Luz cai)*

(Entra 'Alice no país das maravilhas' – Lewis Carrol, versão para crianças, o trecho quando Alice cai no buraco, 'Ohhhh, até que afinal aterrissei'. O ator-atoa na rede de dormir, música gran finale. Parece que o espetáculo chegou ao final...)

EPÍLOGO

CENA XIV

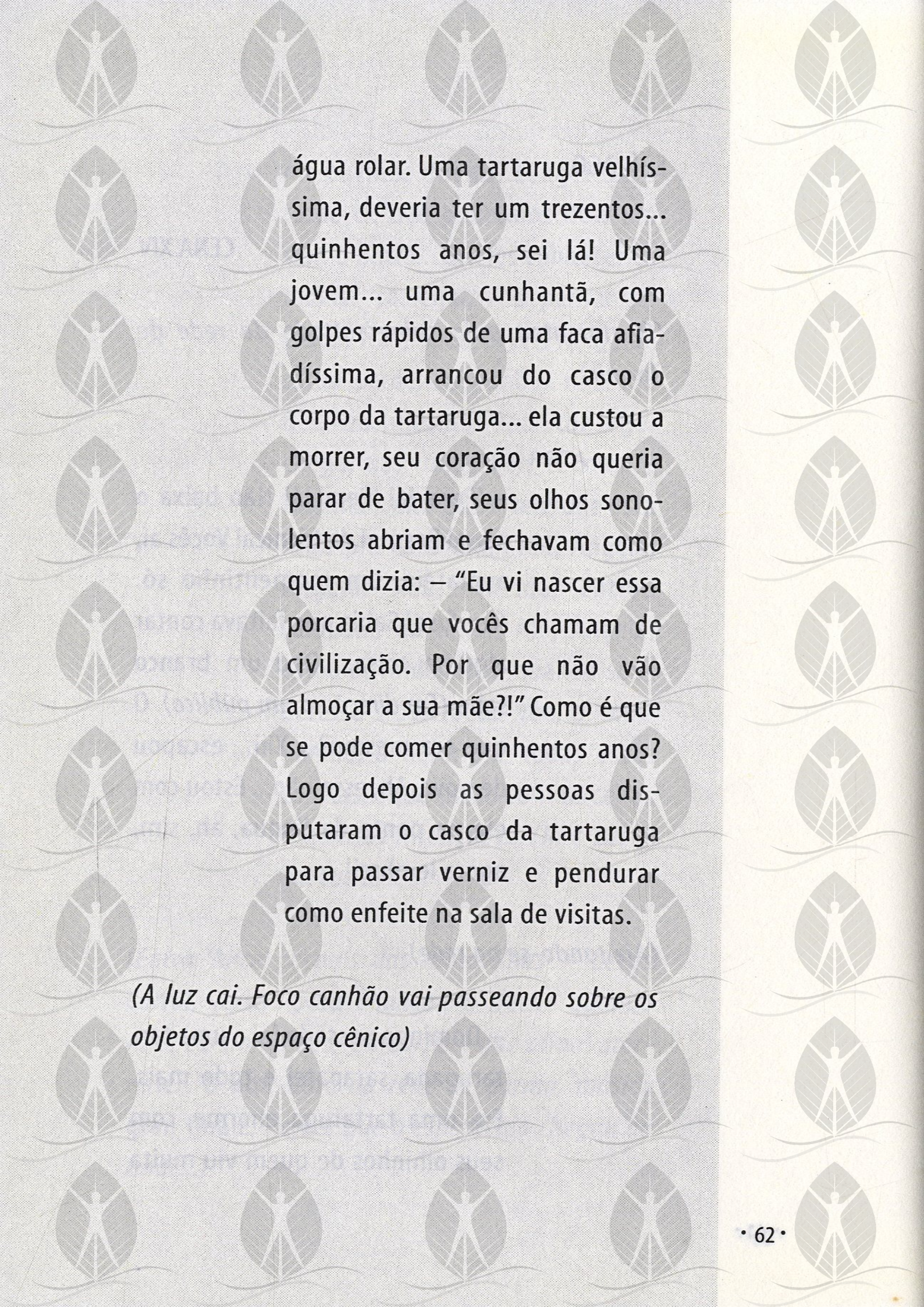
(O ator-atoa pula sobressaltado da rede de dormir)

ATOR

— ‘Pera’ lá! ‘Pera’ lá! Não baixa o pano! Pessoal da técnica! Vocês aí, a platéia, um momentinho só. *(Confuso)* Sabia que faltava contar alguma coisa... Deu um branco sabe *(Em direção a um público)*. O que era mesmo?... Xiii... escapou de novo. Ah, essa não... Estou com ela na ponta da língua, ah, sim, agora lembrei!

(Ajeitando-se na rede)

— Domingo passado fui a uma tartarugada, sarapatel e tudo mais. Era uma tartaruga enorme, com seus olhinhos de quem viu muita



água rolar. Uma tartaruga velhíssima, deveria ter um trezentos... quinhentos anos, sei lá! Uma jovem... uma cunhantã, com golpes rápidos de uma faca afiadíssima, arrancou do casco o corpo da tartaruga... ela custou a morrer, seu coração não queria parar de bater, seus olhos sonolentos abriam e fechavam como quem dizia: – “Eu vi nascer essa porcaria que vocês chamam de civilização. Por que não vão almoçar a sua mãe?!” Como é que se pode comer quinhentos anos? Logo depois as pessoas disputaram o casco da tartaruga para passar verniz e pendurar como enfeite na sala de visitas.

(A luz cai. Foco canhão vai passeando sobre os objetos do espaço cênico)

(Retoma a gravação de 'Alice no país das maravilhas'. Trecho da rainha de copas: 'Quem andou pintando minhas rosas de vermelho?' (até) 'ohhh... meu Deus, que sonho!')

FIM

OUTRAS INFORMAÇÕES

A estréia da montagem deste espetáculo aconteceu no ano de 1983, interpretado pelo ator Dori Carvalho, sob direção de Aurélio Michiles e estreou no palco (que também servia de platéia) do Teatro Amazonas. Ao final do espetáculo o pano de boca levantava revelando a exuberância do Teatro. Em seguida, entrou em cartaz no Teatro Caixa D'Água. O artista plástico Roberto Evangelista criou o pôster para o espetáculo.

Em 1994, foi remontado sob a direção de Nereida Santiago, com o ator Dori Carvalho, no Teatro do Centro de Artes Chaminé.

COLEÇÃO PORACÉ | TEATRO

A FABULOSA LOJA DOS BICHOS

Jorge Bandeira

A FLORESTA E OS BICHOS CONTRA O HOMEM-FOGO

Custódio Rodrigues da Silva

A JÓIA DA FAMÍLIA

Américo Alvarez

AMANUSMENTE

Luiz Vitalli

AQUELA OUTRA FACE DA TRIBO

Aurélio Michiles

A ÚLTIMA DANÇA DE CÁTIA BOLERÃO

Álvaro Braga



A VINGANÇA DO CARAPANÃ ATÔMICO

Ediney Azancoth

É PROIBIDO JOGAR LIXO NESTE LOCAL

Wagner Mello

LÁGRIMAS DE BRINQUEDO

Alfredo Fernandes

MUNDICA

Sergio Cardoso

NÓS, MEDÉIA

Zemaria Pinto

O HOMEM QUE MARCHA

Benjamin Lima

Poracé | Teatro

Aquela outra face da tribo

– E por que eu não poderia me sentir caboclo?

Afinal, eu sou minha história no espelho da tua cara. O mistério somos nós, tanto que inventamos deuses, transformamo-nos nele e decretamos a sua morte... Inventamos mitos para nos tornarmos imortais. Tanto que a história oficial não passa de uma ficção. Duvidam? A qualquer instante serei um negro, cortando cana, fazendo samba, chutando em gol, ou um nordestino, caminhando feito formiga em busca de um lugar, um índio, um branco, contrariando os dogmas civilizatórios. Mas agora eu tenho sede, muita sede. Tenho a garganta seca de palavras. Caatinga nos olhos rasos d'água.

ISBN 85 - 7512 - 122 - 7



9 788575 121221

– “A volta é sempre a parte mais delicada do vôo!”

E ela como quem estivesse lido meus pensamentos:

– “E a mais bela, também. Imagine, o Japão é apenas o outro lado da moeda”.

(O ator-atoa salta do alto da rede de dormir, ainda agachado continua o texto)

Segurando as mãos suadas da sereia, deixando que o seu corpo ficasse o mais próximo do meu, nós como uma flecha já alcançávamos o forte cheiro do oxigênio. E, fazendo uma menção com a cabeça, falei:

– “Nossos pensamentos, meu amor, são flores atrevidas querendo se multiplicar ali, naquela

astronave de céu, floresta e água!”

Ela me respondeu, cedendo um sorriso maroto:

– “O rio e a floresta por nós deverão ser alcançados?”

Respondi-lhe:

– “Os campos estão cercados pelas cidades. O corpo do planeta Terra foi retalhado!”

(Música épica misturada aos ruídos urbanos: gente conversando, multidão em manifestações públicas, engarrafamentos, telefone tocando, britadeiras, turbinas de avião, sirene de polícia, programas de televisão e programas de rádio)

CENA XIII

(O ator-atoa surge na boca de cena. Ele está colocando uma mochila. Inesperadamente ela

se rompe, e vários objetos caem no chão... fitas cassetes, áudio e vídeo, livros, cuia, pedaços de madeiras e sementes, casca de árvore, pedra e areia, um pequeno globo terrestre. O ator-atoa fica atônito ao observar os objetos caírem e o globo a girar pelo palco)

ATOR

— Sou um ser escafandro. Todos os dias vasculho a imensidão dos rios. Como um velho marinheiro, ainda acredito no mapa da mina e assim reconquisto relíquias do meu ser antes mantido no esquecimento. Nesse ofício de ator-atoa, sempre arrisco um pensamento no desejo que alguma dessas palavras possam sobreviver mais que nós todos.

(Canta)

Três vezes topei comigo mesmo /
andando no sentido contrário /

o quarto em gesto arbitrário /
inverteu seu rumo a esmo.

(É interrompido pelo telefone tocando)

ATOR

– Alô! Pago sim, tô duro, mas pago. Alô, Ângela?! Que maravilha, meu outro pulmão territorial... meu tesão... não morres tão cedo... Estava acabando de escrever uma carta pra ti... quêêê... Ah, sim, mil páginas. Não, não, aqui não é o degredo, é apenas o extremo norte maravilha, maniazinha! É aquela outra face da tribo. Por que não?! Claro, irei te apanhar no aeroporto com todas as honras... Haverá banhos de igarapés, altas caldeiradas, tacacá, sorvete de pupunha, ar-condicionado, açaí, balas de cupuaçu feito por mamãe. É, ela sabe fazer como ninguém. O quêêêê??? Não está

me ouvindo direito? Longe? Daí a razão de não podermos ficar um sem o outro... Queres conhecer os índios? Tá legal, vou pensar no caso... Não, nada a ver. Não, não estou perdendo minhas raízes. É que eu mesmo não consegui chegar nas tribos. Pois é. Como?? Fala mais alto que o telefone está ruim pra caramba... Alô, Ângela, Ângela! Hãn... Merda, entrou carapanã na linha! Alô, Ângela, estou ouvindo, avisa quando souberes o número do vôo, a companhia, o horário e todas essas coisitas... que estou com terceiras e quintas intenções... *(Ri e desliga. Luz cai)*

(Entra 'Alice no país das maravilhas' – Lewis Carrol, versão para crianças, o trecho quando Alice cai no buraco, 'Ohhhh, até que afinal aterrissei'. O ator-atoa na rede de dormir, música gran finale. Parece que o espetáculo chegou ao final...)



EPÍLOGO

CENA XIV

(O ator-atoa pula sobressaltado da rede de dormir)

ATOR

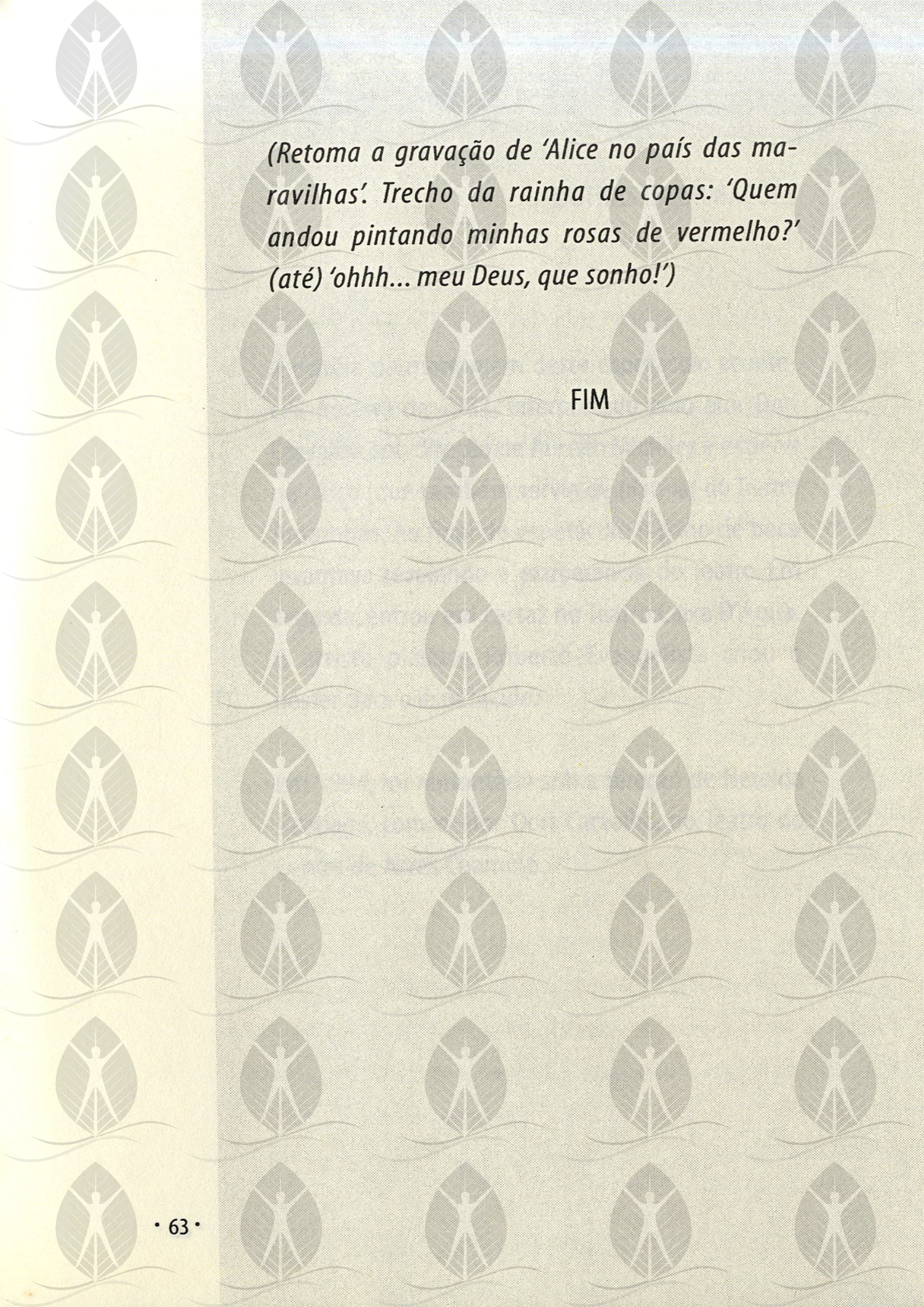
– ‘Pera’ lá! ‘Pera’ lá! Não baixa o pano! Pessoal da técnica! Vocês aí, a platéia, um momentinho só. *(Confuso)* Sabia que faltava contar alguma coisa... Deu um branco sabe *(Em direção a um público)*. O que era mesmo?... Xiii... escapou de novo. Ah, essa não... Estou com ela na ponta da língua, ah, sim, agora lembrei!

(Ajeitando-se na rede)

– Domingo passado fui a uma tartarugada, sarapatel e tudo mais. Era uma tartaruga enorme, com seus olhinhos de quem viu muita

água rolar. Uma tartaruga velhíssima, deveria ter um trezentos... quinhentos anos, sei lá! Uma jovem... uma cunhantã, com golpes rápidos de uma faca afiadíssima, arrancou do casco o corpo da tartaruga... ela custou a morrer, seu coração não queria parar de bater, seus olhos sonolentos abriam e fechavam como quem dizia: – “Eu vi nascer essa porcaria que vocês chamam de civilização. Por que não vão almoçar a sua mãe?!” Como é que se pode comer quinhentos anos? Logo depois as pessoas disputaram o casco da tartaruga para passar verniz e pendurar como enfeite na sala de visitas.

(A luz cai. Foco canhão vai passeando sobre os objetos do espaço cênico)



(Retoma a gravação de 'Alice no país das maravilhas'. Trecho da rainha de copas: 'Quem andou pintando minhas rosas de vermelho?' (até) 'ohhh... meu Deus, que sonho!')

FIM

OUTRAS INFORMAÇÕES

A estréia da montagem deste espetáculo aconteceu no ano de 1983, interpretado pelo ator Dori Carvalho, sob direção de Aurélio Michiles e estreou no palco (que também servia de platéia) do Teatro Amazonas. Ao final do espetáculo o pano de boca levantava revelando a exuberância do Teatro. Em seguida, entrou em cartaz no Teatro Caixa D'Água. O artista plástico Roberto Evangelista criou o pôster para o espetáculo.

Em 1994, foi remontado sob a direção de Nereida Santiago, com o ator Dori Carvalho, no Teatro do Centro de Artes Chaminé.



COLEÇÃO PORACÉ | TEATRO

A FABULOSA LOJA DOS BICHOS

Jorge Bandeira

A FLORESTA E OS BICHOS CONTRA O HOMEM-FOGO

Custódio Rodrigues da Silva

A JÓIA DA FAMÍLIA

Américo Alvarez

AMANUSMENTE

Luiz Vitalli

AQUELA OUTRA FACE DA TRIBO

Aurélio Michiles

A ÚLTIMA DANÇA DE CÁTIA BOLERÃO

Álvaro Braga



A VINGANÇA DO CARAPANÃ ATÔMICO

Ediney Azancoth

É PROIBIDO JOGAR LIXO NESTE LOCAL

Wagner Mello

LÁGRIMAS DE BRINQUEDO

Alfredo Fernandes

MUNDICA

Sergio Cardoso

NÓS, MEDÉIA

Zemaria Pinto

O HOMEM QUE MARCHA

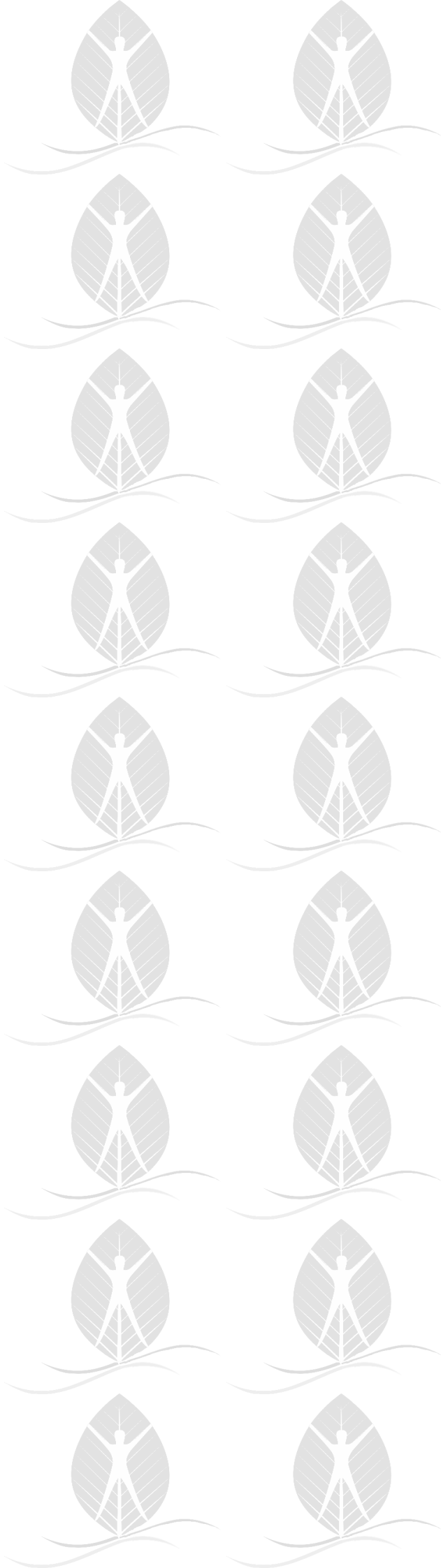
Benjamin Lima

Aurélio Michiles. E o monólogo nunca se tornou monótono, porque os mil personagens de *Aquela outra face da tribo*, reunidos em um só ator à toa, explodem a todo instante com palavras/imagens inquietantes.

Jamais esquecerei estas palavras apaixonadas: “Meu nome é pedra, água, mundo. Minha pátria é a vida, meu passaporte o amor. Nasci na Amazônia, mas poderia perfeitamente ter nascido na Sibéria. O que faria uma diferença, estaria reclamando do frio e sonhando um dia poder conhecer as cores dos trópicos”. Ou: “...uma cunhantã, com golpes rápidos de uma faca afiadíssima, arrancou do casco o corpo da tartaruga... ela custou a morrer, seu coração não queria parar de bater, seus olhos sonolentos abriam e fechavam como quem dizia: ‘Eu vi nascer essa porcaria que vocês chamam de civilização. Por que não vão almoçar a sua mãe?!’”

No texto de Aurélio existem vários temas recorrentes e emblemáticos de sua obra: a Amazônia sempre, os anos rebeldes, Maiakóvski, a floresta e seus habitantes, os Brasis tão diversos, um Brasil que o resto do Brasil não vê e nem quer ver, enfim, como todo criador inquieto e inconformista, o autor eternamente tentando criar a mesma grande obra com suas aflições e aventuras.

Dori Carvalho



Aquela outra face da tribo

*— E por que eu não poderia me sentir caboclo?
Afinal, eu sou minha história no espelho da tua
cara. O mistério somos nós, tanto que inven-
tamos deuses, transformamo-nos nele e
decretamos a sua morte... Inventamos mitos
para nos tornarmos imortais. Tanto que a his-
tória oficial não passa de uma ficção. Duvidam?
A qualquer instante serei um negro, cortando
cana, fazendo samba, chutando em gol, ou um
nordestino, caminhando feito formiga em busca
de um lugar, um índio, um branco, contrariando
os dogmas civilizatórios. Mas agora eu tenho
sede, muita sede. Tenho a garganta seca de
palavras. Caatinga nos olhos rasos d'água.*

ISBN 85 - 7512 - 122 - 7



9 788575 121221



AVISO

A disponibilização (gratuita) deste acervo, tem por objetivo preservar a memória e difundir a cultura do Estado do Amazonas. O uso destes documentos é apenas para uso privado (pessoal), sendo vetada a sua venda, reprodução ou cópia não autorizada. (Lei de Direitos Autorais - [Lei nº 9.610/98](#)). Lembramos, que este material pertence aos acervos das bibliotecas que compõem a rede de bibliotecas públicas do Estado do Amazonas.

EMAIL: ACERVODIGITALSEC@GMAIL.COM

Secretaria de
Estado de Cultura



CENTRO CULTURAL DOS
POVOS DA AMAZÔNIA